



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI  
CURSO DE LETRAS

**A INCLUSÃO DE LIBRAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL  
DA ESCOLA REGULAR: UMA PROPOSTA POSSÍVEL?**

Marluce Maria Werle

Lajeado, novembro de 2017



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI

CURSO DE LETRAS

**A INCLUSÃO DE LIBRAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL  
DA ESCOLA REGULAR: UMA PROPOSTA POSSÍVEL?**

Marluce Maria Werle

Lajeado, novembro de 2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e bem-estar para a realização deste trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais Albano e Sônia, que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado, apoiando-me com sábias palavras e carinho.

Ao meu noivo Eduardo, que esteve do meu lado acompanhando todo trabalho e torcendo para conseguir alcançar meus objetivos.

Aos meus amigos, agradeço as palavras de apoio, carinho e positividade.

Aos Mestres, Professores do Curso de Letras, que mostraram a importância do estudo da língua para a sociedade.

Agradeço, em especial, à minha professora orientadora Grasiela Kieling Bublitz, que me ensinou sobre a aquisição da linguagem, contribuindo com seus saberes durante as aulas.

Agradeço à professora de Libras, Tânia Miorando, por ter me inspirado com suas aulas práticas, o que tornou a Língua de Sinais mais próxima de todos, contribuindo para a inclusão social.

Agradeço à Escola Salomão Watnick por ter me acolhido tão bem e por ter mostrado em detalhes como ocorre a educação de Surdos.

Por fim, agradeço ao Município de Estrela, Secretário de Educação, Professores, Funcionários e Direção da Escola de Educação Infantil São João, por terem aceito o meu trabalho de pesquisa, transformando meu sonho em realidade.

Muito obrigada a todos!

*“É o que passa comigo e que me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca a minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade. A experiência está ligada ao sentido que se dá à vivência.”* .

*JORGE LORROTA*

*“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração”.*

*NELSON MANDELA*

*“Não é a surdez que define o destino das pessoas, mas o resultado do olhar da sociedade sobre a surdez”*

*VYGOTSKY*

# A INCLUSÃO DE LIBRAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA REGULAR: UMA PROPOSTA POSSÍVEL?

Marluce Maria Werle<sup>1</sup>

Grasiela Kielling Bublitz<sup>2</sup>

**Resumo:** A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, deve explorar diversas habilidades, entre elas as linguagens. Nessa faixa etária, as crianças começam a aprender a língua materna, pronunciando as primeiras palavras e comunicando-se com os outros. Atualmente, muitas escolas de Educação Infantil já oferecem a língua inglesa em seus currículos, o que é altamente positivo, pois aproxima as crianças de conhecerem uma nova língua, ou seja, uma nova forma de comunicação. Sendo a língua de sinais uma outra língua, por que não a oferecer também? Não se estaria, dessa forma, facilitando a inclusão de alunos surdos no ensino regular? E, da mesma maneira, não se estaria também desenvolvendo a cidadania e a inclusão social pensando no bem-estar de todos? Diante dessas considerações, este artigo busca introduzir o ensino de Libras no currículo de uma turma de crianças entre 2 a 3 anos de idade, da Educação Infantil. O propósito do trabalho é que as escolas, professores e sociedade em geral reflitam e percebam que a língua de sinais pode ser aceita e ensinada como as demais línguas, pois faz parte da nossa realidade. A metodologia utilizada consiste na realização de entrevistas com professores intérpretes, visita a uma escola de surdos localizada na região metropolitana de Porto Alegre e aplicação de uma proposta de inclusão de Libras em uma turma de Educação Infantil durante três meses. Os resultados apontam aspectos positivos, pois foi possível perceber o interesse e a naturalidade das crianças no contato com a Libras, o que demonstra a possibilidade de inserir essa língua no currículo da Educação Infantil, favorecendo não só a comunicação entre surdos e ouvintes como também a promoção da cidadania.

**Palavras-chave:** Libras. Currículo. Educação Infantil. Escola Regular.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao ingressar no curso de Pedagogia, no ano de 2009, tive a oportunidade de aprender a Linguagem Brasileira de Sinais – Libras. Na oportunidade, estudei sobre seu histórico, seus princípios e sua importância no âmbito educacional. Porém, na ocasião, o foco foram as teorias a respeito do assunto, sendo que a prática ficou um pouco restrita. Como me interessei pelo assunto, procurei conhecer mais sobre a língua de sinais e aprofundei os estudos na área. Mais tarde, já no curso de Letras, também tive a chance de explorar a área de Libras, cursando uma disciplina obrigatória para todos os demais cursos da instituição. Desta vez, contudo, houve articulação entre teórica e prática. Durante a disciplina, foi possível praticar a nova língua com os demais colegas do curso, o que favoreceu o entendimento e promoveu meu crescimento pessoal e profissional.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Graduação em Letras, Universidade do Vale do Taquari, lucy\_werle@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora, Professora Orientadora, Universidade do Vale do Taquari, gkib@univates.br

Estudando os aspectos da Libras, percebe-se que quanto mais cedo iniciarem os estudos e conhecimentos de uma segunda língua, mais fácil se torna a aprendizagem para as crianças. Na visão da teoria sociocultural, “a aquisição de uma língua se dá através de processo colaborativo por meio do qual os aprendizes se apropriam de sua própria interação, para seus próprios propósitos, construindo a competência gramatical, expressiva e cultural” (OTHA, 2000, p. 51, apud PAIVA, 2014, p. 137).

Em razão disso, pode-se pensar em inserir esse conhecimento já na Educação Infantil, fase das descobertas e da socialização inicial. O ideal seria que esse aprendizado ocorresse de forma lúdica e natural, pois quanto mais a língua de sinais for explorada e praticada, melhor será o seu entendimento.

Atualmente, muitas escolas de Educação Infantil já oferecem a língua inglesa em seus currículos, o que é altamente positivo, pois aproxima as crianças de conhecerem uma nova língua, como também as características culturais de uma comunidade. Sendo a língua de sinais uma outra língua, por que não a oferecer também nessa etapa do ensino? Não se estaria, dessa forma, facilitando a inclusão de alunos surdos no ensino regular?

É preciso considerar, entretanto, que a surdez ainda é uma área pouco explorada, o que gera a necessidade de um olhar mais atento à relação entre surdos e ouvintes, no sentido de compreender de que forma ocorre a aquisição de uma língua de sinais como essa. Por isso, o objetivo da presente proposta é investigar a possibilidade de inserir algumas noções de Libras em uma turma composta por crianças com idade de dois a três anos.

Com essa intenção, o trabalho propõe desenvolver, no grupo de crianças-sujeito da pesquisa, algumas habilidades relativas à nova língua, como os sinais que correspondam a ações ou expressões do dia a dia. Além disso, busca-se incentivar as crianças a usar tais sinais na interação com colegas e com professora. O propósito maior, contudo, é despertar o gosto pela língua de sinais. Cabe ressaltar que a proposta não visa a um aprendizado à parte, mas sim integrado às vivências diárias de trabalho, engajadas nos projetos desenvolvidos pela escola.

O artigo está dividido em seções que serão apresentadas a seguir. Primeiramente, são apresentados alguns fundamentos sobre aquisição de segunda língua e a importância de incluí-la nos currículos das escolas de Educação Infantil. Na seção seguinte, trata-se da inclusão da Libras como segunda língua no currículo da Educação Infantil.

Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos, o planejamento da proposta de inclusão de Libras no currículo, os resultados obtidos e a análise desses resultados. Por fim, são realizadas as considerações finais da pesquisa.

## 2 A APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA

Aprender uma língua requer a interação com o outro e a prática diária. Nesse sentido, para ensinar uma segunda língua às crianças, é preciso considerar a forma de tornar a aprendizagem o mais natural possível, proporcionando espaços de interação com o outro e propondo diferentes perspectivas de pensar, agir e comunicar-se.

Partindo da concepção de que a escola é um local de diferentes experiências de aprendizagens, pode-se considerar que aprender uma segunda língua é uma dessas vivências. Ocorre que, para isso acontecer, necessita-se do convívio quase que diário com essa nova língua, utilizando-a de forma natural e contextualizada. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil posiciona-se claramente em relação à questão:

Quanto menores forem as crianças, mais suas representações e noções sobre o mundo estão associadas diretamente aos objetos concretos da realidade conhecida, observada, sentida e vivenciada. O crescente domínio e uso da linguagem, assim como a capacidade de interação, possibilitam, todavia, que seu contato com o mundo se amplie, sendo cada vez mais mediado por representações e por significados construídos culturalmente (RCNED, 1998, p. 169).

O educador, ao ensinar uma segunda língua, deve considerar que cada criança tem seu tempo para aprender e para manifestar seus interesses. Além disso, esse aprendizado requer um ambiente de interação natural constante, conforme já referido anteriormente. Nas palavras de Quadros (1997, p. 112):

Qualquer língua, seja ela falada, sinalizada ou escrita, representa possíveis manifestações da faculdade da linguagem. Assim, a aquisição de uma L1 e/ou de uma L2, independente da modalidade, envolve processos internos. Tais processos são determinados pela capacidade para linguagem específica dos seres humanos e apresentam uma sequência natural.

Logo, é possível dizer que uma sequência natural de experiências pode determinar um resultado positivo no ensino de uma nova língua, pois nesta fase poderá acontecer uma assimilação maior. Além disso, o apoio da língua materna, no caso a Língua Portuguesa, também é fundamental. Tais considerações são confirmadas por Smith, Kirby e Brihton (2003, p. 371, apud Paiva, 2014, p.146), que concebem “a língua como um sistema culturalmente transmitido, o que significa que a aprendizagem é um processo interativo que funciona tanto dentro do indivíduo como entre indivíduos no nível social”. Em outras palavras, para a aprendizagem de uma língua é necessário que todos os envolvidos interajam uns com os outros por meio da língua, pois aprendemos com o outro, trocando ideias e socializando nossos desejos e vontades.

Convém considerar, ainda, que as manifestações, os desejos e as vontades das crianças podem indicar outros meios de aprender algo diferente. Em razão disso, essas manifestações podem apontar suportes para o professor organizar seu planejamento, que deve ser estruturado de maneira flexível, valorizando a curiosidade e o interesse do grupo.

Com base nas concepções de Paiva (2014, p. 146), “A ASL (Aquisição de Segunda Língua) não é um processo linear em que vão se somando os itens aprendidos. O sistema é aberto, e novos elementos vão entrando na interlíngua<sup>3</sup>, que vai permanentemente se auto-organizando”. Ainda de acordo com o autor, para cada ação há uma reação, ou seja, a partir dos momentos de interação proporcionados, as crianças vão demonstrando seus interesses e manifestam-se diante de situações significativas. Assim, a aquisição da segunda língua mediante o contato de uns com os outros é muito favorável, visto que a criança vai aprendendo novos elementos e organizando-os conforme suas interações.

Outro aspecto a se considerar em relação ao aprendizado das línguas é que, conforme Halliday (1974), um segundo idioma é mais facilmente adquirido quando jovem. De acordo com o autor, na faixa etária dos dois aos três anos, as crianças estão conhecendo o seu mundo e fazendo diversas descobertas acerca dele de forma natural. Pode-se dizer, então, que uma criança pode aprender uma ou mais línguas ao mesmo tempo na infância, pois o domínio de duas ou mais línguas é positivo.

Da mesma forma, Halliday (1974, 212) cita circunstâncias propícias que auxiliam no aprendizado da linguagem:

Uma é a juventude, conforme já vimos. Quanto mais cedo o aprendizado começar tanto melhor. Outra é a quantidade de experiência da língua recebida pelo estudante, desde que esta experiência seja dotada de sentido. Em outras palavras, o aprendizado faz-se mais facilmente quando a língua se encontra em uso ativo do que se é vista ou ouvida somente como um conjunto de expressões ou exercícios orais desencarnados.

Outro aspecto a se considerar acerca da temática em questão é que, nos primeiros anos de vida, surge também o balbúcio. Petitto e Marantette (1991, apud QUADROS, 1997), evidenciaram que o balbúcio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, sejam eles surdos ou ouvintes (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Trata-se, segundo elas,

---

<sup>3</sup> Conforme Larsen – Freeman (1997, apud PAIVA, 2014, p. 146) “a língua fonte, a língua alvo, os elementos marcados da L1 e os da L2, a quantidade de input, a quantidade de interação, a quantidade e o tipo de feedback recebido, se é adquirida sem ou com ensino formal etc”.



de um fruto da capacidade inata para a linguagem, que é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais.

Com base nos aspectos apresentados até aqui sobre o ensino de uma nova língua, evidencia-se que sua assimilação será facilitada se essa nova língua for praticada diariamente. Além disso, cada criança manifestará suas primeiras experiências com relação à nova língua em tempos diferentes, sendo necessário respeitar o momento de cada um. Nesse viés, Halliday (1974, p. 213) justifica que “o alcance da memória do estudante é curto, de modo que o aprendizado é mais certo e rápido se as lições são frequentes, havendo conseqüentemente menos oportunidade de esquecer o que foi aprendido até então”. Portanto, a prática do dia a dia auxilia essa aprendizagem de modo significativo.

## **2.1 A Educação Infantil e a inclusão de Libras no currículo**

Sabe-se que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica prevista na Lei 9.394/1996. Essa etapa tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos psicológico, intelectual e social. Partindo dessa perspectiva, a infância é a fase em que as crianças são mais receptivas às mudanças do dia a dia, visto que, nessa idade, ainda não construíram pré-julgamentos e a interação entre elas é mais fácil. Seus hábitos, personalidade e autonomia estão em pleno desenvolvimento, o que facilita a aceitação de diferentes experiências. Assim sendo, é a etapa ideal para a aprendizagem de uma segunda língua, sendo a convivência e a prática diária fundamentais no processo de aprendizagem.

Navarro (2004, p. 27) comenta acerca da diversidade e do respeito desde a infância:

Se na escola infantil pudéssemos acompanhar as crianças no começo do conhecimento de si mesmas e das demais, no reconhecer, no cuidar e no respeitar as diferenças, outros modos de ser, de viver, de entender o mundo, já teríamos feito muito. Mas sendo conscientes, claro, de que as coisas têm o seu tempo e de que, nessa idade, onde tudo são “inícios”, para uma criança pequena, a realidade só passa pelo centro de si mesma. Além disso, sem a passagem por este lugar fundamental, que não é se não outro que o da própria identidade, depois não haveria espaço para considerar nada bom, nem se quer valores tão grandes como a liberdade, a igualdade, a felicidade, a justiça, o respeito ou o conhecimento.

Ao chegar à escola, a criança leva consigo uma bagagem com seus conhecimentos e ensinamentos de casa, transmitidos pela família. Essas experiências devem ser exploradas, respeitadas e estimuladas na escola. Cabe ao professor aproveitar essa bagagem de conhecimentos, valorizando o que a criança já sabe e incluí-los nas suas propostas de trabalho.

A escola, por sua vez, deve abrir espaços para os diferentes saberes e para a inclusão de todas crianças, principalmente daquelas que têm alguma deficiência, seja ela qual for.

A inclusão de crianças surdas nas escolas regulares de ensino está aumentando gradativamente, porém, acredita-se que os profissionais da educação ainda não estejam preparados para trabalhar com essas crianças, que precisam sentir-se incluídas como as demais. Para que todos se sintam bem e incluídos no espaço escolar, nada melhor e mais justo do que tornar a Libras acessível a todos, favorecendo a interação e a comunicação entre surdos e ouvintes. Por isso, o educador deve ser também um grande mediador do processo de ensino e de aprendizagem das crianças, ou seja, a observação diária, os registros, as adaptações nas atividades propostas devem fazer parte do planejamento. O olhar do educador deve ser atento, sujeito a um planejamento flexível e, de fato, inclusivo.

Dessa forma, a implantação ou inclusão de Libras no currículo pode permitir formar um cidadão participativo e consciente. Nesse sentido, Manjón (1995, p. 81, apud Carvalho, 2010, p. 105) cita:

Quando se fala de adaptações curriculares se está falando, sobre tudo e em primeiro lugar, de uma estratégia de planejamento e de atuação dos docentes e, nesse sentido, de um processo para tratar de responder às necessidades de aprendizagem de cada aluno (...) fundamentado em uma série de critérios para guiar a tomada de decisões a respeito do que o aluno e a aluna devem aprender, como e quando, e qual é a melhor forma de organizar o ensino de modo que todos saiam beneficiados.

O desafio de propor adaptações curriculares é muito grande e necessário para atender todas as demandas da escola, por isso, pesquisar, registrar, ler e organizar são alguns dos objetivos necessários na busca de uma proposta que busque a inclusão de todos.

De acordo com Carvalho (2010, p. 104), para pensar num currículo flexível, é preciso atentar algumas características, tais como: pensar, fazer, cooperar e sensibilizar-se. De acordo com o autor:

Um projeto curricular com tais características, que podemos considerar como inclusivas na aprendizagem e na participação, desenvolverá nos educandos habilidades e competências cognitivas, relacionais, afetivas e políticas, reconhecendo as características diferenciadas de seus corpos e organismos. Contém, em si mesmo, a aposta de que todos podem aprender, ainda que com ritmos e estilos de aprendizagem diferentes e que exercitam cidadania nas escolas (CARVALHO, 2010, p 104.)

Educar vai muito além de apenas compartilhar experiências. Precisamos desafiar nossas crianças para que estejam preparadas para as relações interpessoais, para desenvolver a cidadania e aprender com diferentes experiências. Cabe ressaltar, também, que o currículo deve

adaptar-se a cada realidade escolar, sejam instituições públicas ou privadas, buscando atender as necessidades do público alvo. Nas palavras de Sacristán (2000, p. 177), “o professor tem um papel decisivo nessa construção do currículo, uma vez que ele será o mediador entre o aluno, a cultura e a significação que atribui ao currículo, bem como pelas suas atitudes diante da construção do conhecimento”.

Enfatiza-se, ainda, que a Língua Brasileira de Sinais está presente nos programas de televisão como tradução, em eventos e palestras oficiais, traduzindo ao público surdo o que é dito. Com isso, a Língua de Sinais possibilita a interação entre surdos e ouvintes, visto que permite a comunicação entre eles. Sendo assim, a Libras deve ser mais popularizada na sociedade, não apenas nas escolas, a fim de contribuir com a sociedade e assegurar os direitos de todos respeitando a diversidade.

Diante das considerações apresentadas nesta seção, fica evidente a necessidade de refletir sobre a inclusão de Libras no currículo da Educação Infantil. Dessa forma, a caminhada de aquisição da língua inicia-se já na infância, expandindo-se ao longo da vida.

## **2.2 A inclusão de alunos surdos na escola regular: Estamos preparados?**

Há alguns anos, a temática da inclusão é foco de inúmeros debates na esfera educacional, buscando profundas mudanças na educação de crianças que necessitam de algum acompanhamento diferenciado. Apesar disso, será que a escola regular está preparada para atender alunos surdos? Os professores têm domínio de Libras para poderem se comunicar e interagir com os alunos surdos?

Para obter mais informações sobre os surdos nas escolas, realizou-se uma visita à Escola Salomão Watnick, de Porto Alegre, que atende alunos surdos desde a Educação Infantil. A instituição oferta a Educação Precoce, Educação Infantil de 0 a 5 anos, Ensino Fundamental e até mesmo a Educação de Jovens e Adultos. O funcionamento da escola ocorre em três turnos. Num turno, os alunos têm aula das diferentes disciplinas e no outro participam de oficinas, tais como: cinema, robótica, arte marcial, PTE (preparação para o trabalho), laboratório de aprendizagem e sala de aproveitamento de estudos.

Os professores da escola são formados em Pedagogia, com habilitação em Educação Especial de Surdos. Os profissionais das áreas buscam cursos, seminários e pós-graduação em Libras para poderem trabalhar na escola e conseguirem se comunicar.

Os alunos têm acesso, semanalmente, à biblioteca, onde lhes é contada uma história em Libras por um professor. Após, realizam atividades diversas referentes à história. O ensino ocorre como nas demais escolas de ensino regular, em que os professores escrevem no quadro. Contudo, logo em seguida, a informação também é sinalizada em Libras.

Segundo Rodrigues, Krebs e Freitas (2005, p. 53), os alunos surdos estão presentes nas salas de aulas de ensino regular, mas não existem mecanismos efetivos para o seu real desenvolvimento cognitivo, ou seja, não ocorre uma legítima inclusão. Sobre esse aspecto, os autores dizem que:

Estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem deve sentir que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele. Esse sentimento de pertença pode assumir múltiplas formas e enquadramentos (RODRIGUES, KREBS, FREITAS, 2005, p.53).

É evidente que cada criança é diferente uma da outra, cabendo aos educadores criar e desenvolver propostas com situações diversificadas de aprendizagem, para que todos possam aprender de forma significativa e inclusiva.

Assim, educar é confrontar-se com esta diversidade. O professor que transita diariamente entre seus alunos conhece muito bem tal diversidade. Dificilmente aceitaria qualquer premissa de homogeneidade dos seus alunos, pois sabe que são diferentes entre si, assim como não há ser humano igual a outro (BEYER, 2010, p. 27).

Assim, o que se confronta, na realidade, é a falta de apoio da sociedade de modo geral, que ainda interpreta todos como homogêneos. A comunidade ignora que a Libras pode facilitar a inclusão de todos.

Nesse sentido, percebe-se que as escolas e a sociedade em geral estão caminhando lentamente com propostas inclusivas, mas o importante é buscar e criar possibilidades de trabalho diferentes com os educandos, pois, somente dessa forma percebe-se a direção certa. São eles que, por meio de práticas educativas, envolvem as crianças em variadas experiências de aprendizagens, o que, conseqüentemente, poderá contribuir para a formação de uma sociedade mais sólida nesse sentido.

É interessante que os educadores façam a diferença na sala de aula, com apoio de toda a escola e equipe diretiva, possibilitando o contato inclusive dos alunos não surdos com novas linguagens. Com isso, estão proporcionando experiências que farão toda a diferença a essas crianças, caso tiverem que interagir com um surdo.

Além disso, cabe considerar os benefícios disso para o aluno surdo que, para ser incluído na sala de aula da escola regular, deve interagir com seus colegas e, para tanto, precisa comunicar-se em Libras. Dessa forma, por que não ensinar a todos da escola regular a Língua Brasileira de Sinais? Trata-se de uma maneira de incluir tanto alunos da escola regular como alunos surdos que frequentam as escolas.

Nesse sentido, Carvalho (2010, p. 54) afirma:

Muitos desanimam e desistem (de si mesmos, eu diria). Mas felizmente, há outros que decidem lutar, conscientes da importância do papel que desempenham e que, além de pedagógico, é também político e social. Estes, reconhecendo as diferenças existentes entre seus alunos, não ficam indiferentes a elas e nem caem na cilada dos “diferentes mais iguais”. Procuram rever suas práticas pedagógicas em sala de aula, buscando ensinar a toda a turma, tornando a escola um espaço de aprendizagem e de participação de todos, com todos e para toda a vida. Um espaço inclusivo, de fato. Um espaço onde todos são bem-vindos, reconhecidos em suas diferenças e benefício da melhoria da qualidade de suas vidas e para se tornarem cidadãos contributivos da sociedade.

Com base nessa citação, fica evidente que cada sinal, cada movimento é fundamental na prática da Língua Brasileira de Sinais, construindo um cenário de interação. Trata-se de uma prática que pode ser expandida para toda a sociedade.

Só é possível contribuir com o outro quando estamos preocupados com ele e dispostos à mudança. Isso vale também no contexto escolar, em que o trabalho pedagógico deve ser de qualidade, buscando laços de amizade e integração. Com isso, pode-se promover possíveis interações nas vivências da infância.

O importante é fazer com que a direção, educadores, coordenadores, funcionários se aproximem de suas práticas e conheçam essas múltiplas realidades do âmbito educacional. Devem conhecer especialmente seus alunos para posteriormente promover atividades e experiências que favoreçam a sua inserção de forma participativa, dando-lhes diferentes oportunidades de aprendizagem e de relações interpessoais. Desse modo, fica evidente também o exercício da cidadania, visto que se valoriza as diversidades e o respeito com o outro.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como objetivo investigar se é possível inserir a Língua Brasileira de Sinais no currículo da Educação Infantil de uma escola regular. Dessa forma, seguiu-se uma análise explicativa e descritiva dos dados.

O trabalho envolveu duas etapas: inicialmente, realizou-se uma pesquisa de campo numa escola para surdos, em que atuaram como sujeitos a direção e dois professores/tradutores; na sequência, realizou-se uma proposta de intervenção, em que os sujeitos envolvidos foram 20 crianças do Maternal de uma escola do Vale do Taquari. Para finalizar, as famílias receberam uma folha de depoimento para que escrevessem se a criança manifestou ou não sinais em casa.

#### **3.1 Visita à escola de surdos Salomão Watnick**

Para a coleta de dados, primeiramente foi realizada uma pesquisa de campo, com o propósito de conhecer uma escola de surdos.

Assim, foi realizada uma visita à Escola de Surdos Salomão Watnick na cidade de Porto Alegre, região metropolitana do estado, investigando como ocorre o uso da Libras pelos alunos dessa escola. Foi devidamente escolhida esta escola pela referência no trabalho com alunos surdos.

Na ocasião, foi realizada uma entrevista com a coordenação da escola. O roteiro abarcou onze questões, as quais eram voltadas para a compreensão do funcionamento da escola e do trabalho pedagógico. Entre as perguntas estavam: Qual a metodologia utilizada? Qual a importância da formação de professores de Libras? Como a escola vê a inclusão do ensino de Libras na Educação Infantil de uma escola regular?

Em seguida, foram entrevistados dois professores/tradutores que atuam como docentes na referida escola, sobre a inclusão de Libras. Essa a entrevista envolveu seis questões voltadas ao currículo da Educação Infantil da escola regular, o período de atuação como intérprete, características da função, dificuldades encontradas na inserção do aluno surdo na escola regular, entre outras.

Com base nos dados coletados nessas entrevistas, elaborou-se uma proposta de inclusão de Libras na Educação Infantil, que foi aplicada durante três meses em uma turma

regular de crianças de dois e três anos. O planejamento foi organizado semanalmente com base nos projetos da escola.

### 3.2 Proposta de inclusão de Libras no currículo

Após estudos e análise dos resultados das entrevistas na escola e com as intérpretes, elaborou-se uma proposta com duração de três meses, a fim de observar e analisar a possibilidade de incluir a língua de sinais no dia a dia das crianças.

Seguem, abaixo, os planejamentos aplicados durante os três meses:

**Quadro 1** - Proposta do mês de Julho, Agosto e Setembro de 2017

<b>SEMANAS</b>	<b>PROPOSTA DE LIBRAS PARA APLICAÇÃO</b>
De 03 a 07 de julho	Saudações: Oi, Bom dia, boa tarde, boa noite, tchau, histórias infantis.
De 10 a 14 de julho	Histórias infantis, cores: amarelo, vermelho, azul, branco, marrom, verde, rosa, laranja.
De 17 a 21 de julho	Histórias infantis, família: papai, mamãe, irmão, vovô, bebê, amigo, homem, mulher.
De 24 a 31 de julho	Mostra de imagens e ilustrações e manifestação de sinais de acordo com a imagem. Cores, família e saudações.
De 01 a 04 de agosto	Regras de convivência: Obrigado, desculpe. Relembrando as cores: amarelo, vermelho, azul, branco, marrom, verde, rosa, laranja.
De 07 a 11 de agosto	Hora do conto, ilustrações com desenhos sobre alimentação (frutas): laranja, banana, melancia, maçã, mamão.
De 14 a 18 de agosto	Desenhos e horas do conto sobre os animais: Jacaré, leão, borboleta, pato, cobra, lobo, macaco, elefante, coruja.
De 21 a 25 de agosto	Brincadeiras de roda com desenhos e sinais relembrando as frutas e animais.

De 28 a 31 de agosto	Brincadeira da caixa surpresa. Canta-se uma música e, quando a música terminar, a criança que tiver com a caixa retira um desenho e todos juntos fazem o sinal em libras.
De 01 a 08 de setembro	Relembrando os animais com jogos diversos e horas do conto.
De 11 a 15 de setembro	Relembrando as cores. Circuito das cores: tapete das cores espalhado pelo chão. Cada aluno pula numa cor e todos fazem o sinal.
De 18 a 22 de setembro	Histórias infantis lembrando os sinais de família: papai, mamãe, vovô, irmãos, bebê, amigo, homem, mulher.
De 25 a 29 de setembro	Brincadeiras, desenhos e horas do conto lembrando tudo que estudamos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ressalta-se que cronograma foi seguido dentro do tempo planejado, e as manifestações das crianças foram observadas, gravadas e filmadas pela professora com o consentimento da escola e dos pais, que autorizaram o uso da imagem dos alunos.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Resultados obtidos na entrevista realizada na escola

Em relação à inclusão de Libras no currículo da Educação Infantil, o posicionamento de escola é favorável, pois, segundo a coordenação, nessa fase os alunos não têm preconceitos e são abertos para aprender mais. Já a formação de professores de Libras parece ser uma questão complexa no ponto de vista de quem vive de perto essa necessidade, pois segundo a coordenação, a proficiência só se adquire com a prática diária.

A respeito da metodologia, tudo é escrito no quadro e, em seguida, são realizados os respectivos sinais. A coordenadora destacou também que, para ocorrer uma inclusão de qualidade, é necessário que os professores tenham conhecimentos básicos de Libras, ou então que se tenham intérpretes presentes durante as aulas. Além do mais, disse preocupar-se muito com tal aspecto, pois apesar das legislações existentes, a prática em muitas escolas é bloqueada devido à falta de conhecimentos dos profissionais.



De acordo com a coordenação, a melhor proposta de trabalho com Libras na Educação Infantil seria com os sinais da realidade dos alunos, como o nome de objetos, alimentos, cores, entre outros. Também salientou a necessidade de inserção diária dos sinais, de modo com faça parte do cotidiano. Por fim, mencionou que a comunicação é a dificuldade atual do surdo na sociedade, devido à falta do conhecimento da língua pelas pessoas.

#### **4.2 Respostas das professoras intérpretes**

O papel do intérprete é importante para articular eventuais dúvidas, buscando ajudar o aluno nas suas dificuldades de aprendizagem. É, sem dúvidas, o mediador entre professor e aluno, transmitindo o que o professor está dizendo. As intérpretes investigadas manifestaram ter bastante experiência na área: uma delas trabalha como intérprete há dez anos, e a outra é intérprete há cinco anos e professora de surdos há 18 anos. Ambas buscaram a formação necessária para atuarem na profissão com cursos de tradutoras intérpretes, além de terem realizado formações continuadas na área, como pós-graduações, a fim de aprimorarem o conhecimento.

As duas profissionais veem a inclusão de surdos nas escolas regulares como positiva em partes. De acordo com as entrevistadas, por um lado, os professores não têm o preparo e o domínio da língua de sinais e, por outro lado, é necessário ter professores que dominem a língua, explorando e estudando sobre a cultura do surdo com todas as crianças de uma turma.

Destacaram também que a maior dificuldade dos alunos surdos na escola regular é compreender a Língua Portuguesa, tendo em vista que os conteúdos escolares são transmitidos nesse idioma. Em razão disso, precisam de um auxílio especial para a assimilação de tais conteúdos. Mesmo assim, as duas intérpretes acreditam que é possível ensinar a língua de sinais para alunos da Educação Infantil, pois é uma língua a mais no conhecimento da criança. Uso de imagens, desenhos e contação de histórias são algumas metodologias que podem ser utilizadas.

#### **4.4 Percepções da professora em relação à aplicação da proposta de Libras**

Ao iniciar o trabalho foi explicado às crianças que elas iriam aprender uma nova língua: a língua de sinais. O ponto de partida foram histórias infantis, com as quais foram

ensinadas saudações iniciais: *bom dia, boa tarde, boa noite, oi e tchau*. Na primeira semana de aplicação da proposta do ensino de Libras, percebeu-se que algumas crianças já manifestaram os primeiros sinais ensinados.

É relevante apontar que duas crianças, ao fazerem o sinal de “papai”, dobraram seus dedinhos para tentar fazer o sinal da melhor forma possível. Essas duas crianças tiveram o seguinte diálogo:

Criança 1 : - *Dobra teu dedinho assim ó.*

Criança 2: - *Tá bom.*

De acordo com Petitto (1987 apud QUADROS, 1997, p. 70), até os 14 meses, aproximadamente, a criança produz gestos, considerados balbucios, que correspondem ao período pré-linguístico. Após, ela passa a produzir sinais. Partindo dessa ideia, percebeu-se que algumas crianças investigadas realizaram alguns sinais, e outras fizeram gestos que não condiziam exatamente com o sinal proposto. Com isso, percebeu-se que cada criança, dentro de suas individualidades, teve a intenção de reproduzir aquilo que foi ensinado. O balbucio, portanto, faz parte da aquisição e da aprendizagem da língua, devendo-se deve respeitar o tempo de cada criança.

No decorrer da aplicação, as crianças foram familiarizando-se com os sinais mais frequentes, como *oi, papai, mamãe, irmãos*. Percebeu-se que, à medida que os sinais eram aprendidos, passavam a fazer parte do dia a dia na escola. Observou-se, também, o interesse do estudo das cores nos momentos de contação de histórias, nas brincadeiras com imagens e no uso da caixa surpresa.

No perpassar da proposta, algumas crianças manifestaram sinais estudados na primeira semana da aplicação da proposta. Foi notório que algumas crianças manifestaram mais sinais que outras, uma vez que estavam fazendo novas descobertas e conhecendo o seu mundo. Tais aspectos convergem com as ideias de Halliday (1974), ao afirmar que a aprendizagem é facilitada quando a língua se encontra em uso ativo.

Uma das descobertas e associações mais significativas que as crianças realizaram foi manifestada no momento da refeição na escola, quando uma criança, ao referir-se à salada, fez relação com a cor verde, fazendo o sinal aprendido em Libras. Neste momento, outras crianças

manifestaram mais sinais estudados durante a semana, por exemplo, a cor vermelha, a cor amarela, a cor laranja, mamãe, papai.

Com a proposta desenvolvida semanalmente e com a introdução diária de alguns sinais, ficou evidente que a atenção e o aprendizado ocorreram, dado que as crianças respondiam rapidamente quando lhes era solicitado algum sinal. Isso corrobora o que diz Halliday (1974), ao afirmar que o curto tempo e o ensino diário fazem com que a criança aprenda facilmente uma nova língua. Corrobora também a perspectiva do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, segundo o qual deve-se proporcionar o ensino associado a aspectos da realidade próxima do aluno.

Durante a aplicação da proposta, o diálogo entre a turma foi constante, como pode-se atentar nos discursos abaixo:

Criança 1: *“Pofe, qual sinal vai ter hoje?” – Pofe, como é tomate e cebola?*

Criança 2: *Vamo escutá a pofe”.*

Além de utilizar os sinais durante as refeições, verificou-se que a turma também realizou os sinais em outros espaços da escola, entre eles a pracinha. No momento que iam lembrando o sinal que haviam estudado ou fazendo associações, manifestavam e pediam para a professora prestar atenção. É o que ficou evidenciado no diálogo abaixo:

Criança 1: *Olha Pofe, assim é o sinal de amarelo?*

Foi gratificante ver o crescimento de cada um durante a proposta aplicada. Alguns mais atentos e outros curiosos expressaram seus sentimentos, seus desejos e suas vontades de aprender. Durante a aplicação da proposta, houve participação de todas as crianças. Algumas delas realizaram os sinais na primeira semana, já outras mais tarde. Verificou-se que as crianças na faixa etária de dois anos e cinco meses aos três anos manifestaram o maior número de sinais. Certamente, o aprendizado da língua de sinais aprimorou a criatividade, as associações com o mundo e a interação uns com os outros, fatores essenciais para o desenvolvimento infantil. Outrossim, o que era para ser uma proposta analisando a possibilidade de inserir a língua de sinais na Educação Infantil, continua a ser uma prática pedagógica do dia a dia, em razão de as crianças revelarem suas demonstrações positivas com vontade de saber mais sobre a língua.

Em harmonia com as palavras de Navarro (2004), é fundamental acompanhar o crescimento das crianças, percebendo seus progressos. Ainda de acordo com o autor, é preciso

respeitar a diversidade que existe ao nosso lado, tendo em visto que cada um tem o seu tempo e, nessa idade, Ainda de acordo com o autor, é preciso respeitar a diversidade que existe ao nosso lado, tendo em visto que cada um tem o seu tempo. Ademais, nessa idade, é preciso considerar que a criança deve se identificar com o novo conhecimento, seja ele uma língua ou não. É dessa forma que podem ser oportunizados a elas valores tão grandes como a liberdade, a igualdade, a felicidade, a justiça, o respeito ou o conhecimento.

Ensinar a língua de sinais é, portanto, ao mesmo tempo, ensinar a lidar com a diversidade e ensinar a ser cidadão.

A seguir, seguem alguns registros feitos durante a aplicação da proposta.

Imagem 1 – Registros da aplicação da proposta - mês de Julho



Fonte: Arquivos da autora, 2017.

Imagem 2 – Registros da aplicação da proposta - mês de Agosto



Fonte: Arquivos da autora, 2017.

Imagem 3 – Registros da aplicação da proposta - mês de Setembro



Fonte: Arquivos da autora, 2017.

#### 4.5 Percepções dos familiares em relação à aplicação da proposta de Libras

O papel da família é indispensável na aprendizagem do filho na escola. Com base nessa premissa, as famílias das crianças envolvidas neste trabalho estiveram presentes durante toda a proposta desenvolvida, relatando semanalmente a evolução das crianças em relação aos sinais aprendidos em Libras. Um mês antes do término da aplicação, as famílias receberam uma folha de depoimento para que pudessem registrar o que seus filhos manifestaram em casa. Essa participação foi essencial para analisar os resultados apresentados fora dos muros da escola.

A maior parte das famílias relatou que, no início, não estavam entendendo os sinais que seus filhos manifestavam em casa, pois não tinham conhecimento do que estavam fazendo. Posteriormente, as crianças foram habituando-se e dizendo em casa o nome e o sinal aprendido na escola. Algumas famílias relataram apenas oralmente o aprendizado dos filhos em relação à Libras.

Seguem alguns depoimentos escritos pelas famílias para ilustrar:

Família 1: *“Tudo começou quando um certo dia Mariah chegou em casa gesticulando de formas no mínimo esquisitas, pois não estávamos entendendo nada, até que após alguns gestos, usando suas mãozinhas ela finalmente nos falou o que isso significava. Começou mostrando papai e falando a nós que era sinais que a profe Marluce estava ensinando. Com o passar dos dias o aprendizado foi aumentando e logo apareceu com mais dois gestos mamãe e vovô. Ao mesmo tempo que era novidade a ela era a nós também. A cada gesto daquelas pequenas mãos mais ficávamos felizes, pois com certeza será algo importante no aprendizado da Mariah. Hoje, Mariah sabe variedade de gestos, como frutas, cores, porém em frente de mais pessoas acaba*

*demonstrando um pouco de vergonha, mas como família, sempre procuramos estar incentivando e questionando. Achamos uma bela iniciativa afinal a inclusão de crianças com qualquer que seja a deficiência é sempre uma luta, repleta de desafios. Tendo crianças já instruídas em Libras, com absoluta certeza tornará esse ingresso no meio escolar muito mais agradável”.*

*Família 2: Numa certa noite não lembramos bem a data, o Gabriel fez para o papai e a mamãe vários sinais falando e gesticulando. Falou de vovô, papai, mamãe, irmãos e nenê. Após uma conversa com a professora Marluce, descobrimos que se tratava de sinais de Libras. Adoramos a iniciativa da professora em ensinar seus alunos os sinais de Libras. O Gabriel mostrou o sinal de oi, cor verde, laranja, amarelo, branco, vermelho, obrigado, desculpas, como também os sinais de frutas banana, maçã, mamão e melancia.*

*Família 3: Mariah C. nos surpreendeu com uma brincadeira onde estava brincando com a prima de escolinha, mostrando para prima algumas maneiras com a mão, observei e perguntei o que é isso filha? Profe ensinou, mãe. Outro momento que ela manifestou foi em um filme. Mariah ficou atenta e fez bem os gestos com a mão.*

*Família 4: O Ryan manifestou os sinais de vovô, papai, mamãe, bebê, e também as cores verde e amarelo.*

*Família 5: Não sei bem certo se são as manifestações de libras, mas notei que enquanto o Maxwell mamava, se a gente perguntava alguma coisa pra ele, ele respondia usando as mãos, imitando alguns tipos de sinais. Aí eu perguntei se aqueles gestos ele tinha aprendido na creche, ele respondeu que sim.*

*Família 6: Acho muito interessante as crianças aprenderem libras, mas o Lucas Gabriel fez muito pouco em casa, ou seja, se manifestou poucas vezes, ele fica envergonhado. Na minha opinião, devem continuar aprender libras, pois vai ser muito útil pra vida toda deles.*

Como se pode perceber nesses depoimentos, da mesma maneira que as crianças aprenderam, empolgadas, a língua de sinais na escola, as famílias envolveram-se no processo, aprendendo juntamente com seus filhos a nova língua. Isso é muito positivo, já que os próprios filhos levaram o conhecimento às famílias. Dessa forma, pode-se avaliar que o trabalho desenvolvido com a turma certamente contribuiu para a construção de saberes e vivências importantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados considera-se importante inserir a Língua Brasileira de Sinais no currículo da Educação Infantil, a fim de conhecerem a cultura do povo surdo, como também aprenderem a língua no espaço escolar. Ressalva-se que a proposta contribuiu para a integração de todos, na construção de atitudes e valores demonstrando respeito com o próximo. Muitas relações foram estabelecidas durante as aulas entre as crianças, e inúmeros questionamentos surgiram, demonstrando assim o interesse pela língua de sinais.

Após o término da proposta, a turma desenvolveu a solidariedade, visto que foram percebidas situações em que os alunos ajudavam-se uns aos outros enquanto realizarem os sinais estudados. Com isso, aprenderam suas potencialidades e as dos outros, ampliando assim seus conhecimentos.

Por fim, acredita-se que novas políticas educacionais sejam necessárias a fim de incluir a língua de sinais no currículo da Educação Infantil, fortalecendo o trabalho pedagógico de conhecimento sobre as diversas línguas para as crianças. Dessa forma, possibilita-se a formação integral e de qualidade para todos.

## REFERÊNCIAS:

BEYER, OTTO. HUGO. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: editora Mediação, 2010. p.27.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 169, v. 03.

CARVALHO, ROSITA, EDLER. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: editora mediação, 2010, p. 54 , 104.

HALLIDAY, Angus Mcintosh, Peter Strevens **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis, Vozes, 1974.

NAVARRO, Carmen Díez. **Afetos e emoções no dia a dia da educação infantil**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de segunda língua**. 1ª ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RODRIGUES, D.,; KREBS, R.; FREITAS, S. N. (Org). **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria: Edufsm, 2005.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.